

O SIGNIFICADO DE SER UMA INTELLECTUAL NEGRA

Laíssa Oliveira Ferreira

Doutoranda no programa de pós-graduação em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Filosofia pela mesma universidade e graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Lavras. É integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia Política da Unicamp e membra da Rede Brasileira de Mulheres Cientistas.

Resumo

Este texto se propõe a mobilizar o significado de ser um intelectual negro de acordo com bell hooks e Cornel West. Ambos os pensadores negros estadunidenses escreveram seus respectivos ensaios para responder a uma demanda de seu tempo, a década de 1980, cuja crise da intelectualidade negra era percebida. Minha leitura acerca desses textos mostra que os questionamentos apontados por ambos continuam fazendo parte da dinâmica enfrentada pela intelectual negra, inclusive no Brasil, quase três décadas depois. Reivindicar o papel de intelectual, hoje, requer o reconhecimento de uma série de dificuldades a serem enfrentadas, sendo elas intra e extra academia.

Palavras-chave: Intelectual negra; mulheres negras; academia; insurgência.

Abstract

This text proposes to mobilize the meaning of being a black intellectual according to bell hooks and Cornel West. Both black American thinkers wrote their respective essays to respond to a demand of their time, the 1980s, in which the crisis of the black intelligentsia was perceived. My reading of these texts shows that the questions raised by both are still part of the dynamics faced by the black intellectual, including in Brazil, almost three decades later. Claiming the role of an intellectual, today, requires the recognition of a series of difficulties to be faced, both within and outside academia.

Keywords: Black intellectual; black women; academy; insurgency.

Introdução

A discussão acerca do que significa ser um intelectual nunca foi tão necessária quanto nos dias de hoje. Levados, em sua maioria, pelo sentimento de entender e refletir sobre os acontecimentos que nos cercam, pessoas de diferentes origens e status adotam o título de intelectual ou recebem tal intitulação pelo seu compromisso de interpretar a realidade a partir de um incômodo pessoal.

Em 1985, Cornel West, um filósofo negro estadunidense, escreveu um ensaio chamado *The Dilemma of the Black Intellectual* [*O dilema do intelectual negro*]¹, que revelou os problemas enfrentados por intelectuais negros naquele contexto estadunidense da década de 1980. Para a minha surpresa, muitos dos problemas colocados pelo filósofo se mostraram muito atuais - inclusive, Cornel West reitera a atualidade do seu texto na introdução da versão que li ao afirmar que *O dilema do intelectual negro* foi publicado e reimpresso diversas vezes após a sua primeira publicação devido à sua atualidade.

Logo após a publicação deste ensaio, o artigo "Intelectuais negras" (1985)² foi publicado por bell hooks como uma resposta ao texto de Cornel West. Uma resposta que, como ele mesmo disse, "faz uma crítica devastadora a este artigo" (WEST, 1985, p. 1), uma vez que West não considerou a realidade das mulheres negras que são ou desejam tornar-se intelectuais. E se o texto do Cornel West fez todo sentido para mim, imagine um texto que falasse sobre as dificuldades enfrentadas pela mulher negra intelectual.

Foi justamente lendo estes dois textos que eu entendi que os problemas enfrentados pelos intelectuais negros estadunidenses na década de 1980 pouco diferem dos problemas enfrentados por mulheres negras e homens negros que desejam seguir o caminho da intelectualidade no Brasil nos dias de hoje - embora eu reconheça que temos algumas diferenças significativas na questão de oportunidades do tornar-se uma intelectual, dentre outras coisas. Foi através das semelhanças nas dificuldades enfrentadas por mulheres e homens negros intelectuais que eu percebi que nós estamos falando sobre os problemas e as dificuldades que o modelo intelectual do mundo ocidental nos impõe e que pouco ou quase nunca corresponde à realidade da mulher negra e do homem negro.

Eu me considero uma intelectual. A escolha por me tornar uma mulher negra intelectual tem sua origem em um sentimento de incômodo com o modo como a realidade se apresenta e como enfrentamos essa realidade. Isso significa que não posso escolher ser apenas uma intelectual, me fechar em meu escritório e desenvolver análises que nada tem a ver com os problemas que enfrento no meu dia a dia. Sou uma mulher negra intelectual que tenta se manter neste caminho em um Brasil anti-intelectual, em um Brasil que não reconhece que os intelectuais estão comprometidos e preocupados com mudanças sociais. E os problemas que eu enfrento, e que imagino que muitas das minhas colegas negras enfrentam, são descritos a cada parágrafo destes dois textos.

Escolher ser uma intelectual negra está ligada à percepção de que usar as ferramentas disponíveis tanto no mundo acadêmico quanto no mundo ativista negro me possibilita criar

1 Utilizei a tradução não oficial para o português, portanto, as referências estão de acordo com o arquivo traduzido.

2 A tradução utilizada deste texto foi publicada em 1995, por isso, as referências serão referentes ao texto em português.

análises, desenvolver diagnósticos e proposições efetivas para o enfrentamento dos problemas da sociedade. No entanto, essa escolha e tentativa de estabelecer pontes me colocam em um lugar de isolamento e marginalidade nesses dois mundos, especialmente no mundo intelectual acadêmico.

O dilema do intelectual negro

Sobre *O dilema do intelectual negro* de West, eu posso dizer que, embora este ensaio não tenha uma perspectiva de gênero, e se apresente com uma perspectiva universalista, cuja imagem representativa é a do homem negro, ele diz bastante sobre os problemas que enfrentamos na academia e fora dela quando escolhemos seguir o caminho da intelectualidade. Dito isso, eu quero propor uma releitura deste texto de Cornel West a partir da crítica que bell hooks faz e a partir da minha própria experiência. E eu tenho certeza de que muitas irão se identificar com aquilo que busco trazer nesta reflexão.

Para iniciar, convido-a a se perguntar: o que faz de mim uma intelectual? Eu realmente quero ser uma intelectual? Eu sei do que eu estou abrindo mão ao escolher este caminho da intelectualidade? O que significa ser uma mulher negra pesquisadora em uma sociedade que se mostra profundamente anti-intelectual?

As respostas definitivas para essas perguntas eu ainda não tenho e imagino que ninguém as tenha. E está tudo bem não saber respondê-las. Talvez eu esteja fazendo as perguntas de maneira errada, pois parece que, junto à escolha por se tornar uma intelectual, vem o sacrifício, a abdicação ou qualquer outro sentimento que nos faça pensar que escolher ser uma intelectual vem acompanhada de algum tipo de sofrimento. Segundo West, "a escolha por se tornar um intelectual negro é um ato de marginalidade autoimposta, assim como garante-lhe um status periférico dentro e para a comunidade negra" (WEST, 1985, p. 02). De todo modo, as questões estão postas e eu sei que pela minha experiência, que o que nos mobiliza a seguir este caminho muitas das vezes está ligado à nossa infância, a alguma experiência que nos fez desejar entender e mudar o mundo. "A forma como alguém se torna um intelectual negro é altamente problemática" (WEST, 1985, p. 02). Sei responder o que me mantém neste caminho, mas não o que realmente faz de mim uma intelectual.

Eu quero me declarar intelectual porque na minha compreensão ser intelectual não significa apenas trabalhar com ideias, mas com ideias que podem sim mudar o mundo. Eu sou uma intelectual porque eu acredito que tenho sim muito com o que contribuir através da minha pesquisa e dos meus pensamentos na luta dos povos oprimidos. Se isso não é ser intelectual, então o que é?

Minha intenção com este texto é provocar, é questionar o que compõe um intelectual, o que define um intelectual. E, ao mesmo tempo, eu quero reivindicar este lugar, porque ao que parece este não é um lugar que eu, como mulher negra, poderia ocupar. Então eu digo mais uma vez: eu sou uma intelectual, eu sou uma mulher negra intelectual.

A segunda coisa que a gente deve fazer ou se perguntar neste processo de autoidentificação é: qual a posição que eu ocupo como mulher negra intelectual? Que lugar eu ocupo na academia - lugar dos intelectuais - e na sociedade ao me considerar uma intelectual? Para responder a esta questão, eu digo, assim como Cornel West, que a intelectual negra está "presa *entre* uma sociedade acadêmica arrogante e uma comunidade negra alheia" (WEST, 1985, p. 01), que não entende o papel dessa intelectual. A intelectual negra está entre o poder branco em todos os âmbitos da sociedade e a realidade do mundo negro. Essas são questões que nós intelectuais temos que lidar simultaneamente e, para sobreviver, temos que criar uma dinâmica que não nos aparte, que não nos separe de ambos os mundos: o mundo da academia e o mundo da comunidade negra.

De um lado, temos uma academia que é fortemente marcada por faculdades e universidades brancas de elite, que exigem práticas que muitas vezes a intelectual negra não consegue corresponder. Essa academia, ao mesmo tempo em que não me reconhece como uma igual e, por isso, me põe à prova a todo instante, exige de mim um comportamento que destoa completamente da minha realidade. Eles querem que eu assimile o modo de comportamento acadêmico, mas, quando o faço, me olham com desconfiança. Na academia, voltar-se para as suas próprias pesquisas, isolar-se do mundo é "normal", é um processo de certa forma complicado como a gente bem sabe. Mas, para a intelectual negra, esse processo de voltar-se para si, de isolar-se é ainda mais doloroso, porque ao fazer isso, nós estamos negando tudo o que fomos criadas para ser - mulheres negras são criadas para dedicarem suas vidas a sua comunidade. Estamos abrindo mão da nossa relação com um mundo que exige a nossa presença a todo instante, nós somos obrigadas a abrir mão da nossa vida, dos nossos problemas e tudo o que nos rodeia para nos dedicarmos a uma vida de isolamento. E eu pergunto, como é que é possível fazer isso? Como é possível isolar-se em seu gabinete, teorizar sobre grandes questões, quando tudo o que está acontecendo do lado de fora nos afeta diretamente e exige a nossa reflexão e ação?

Esse sofrimento que se diz 'necessário' para se tornar um intelectual - de isolar-se, voltar-se para si - se mostra ainda mais doloroso, porque na academia não existe uma rede, ou, como Cornel West diz, uma *intelligentsia* que dê suporte, que dê estrutura para que nós, intelectuais negras, reconheçamos e superemos, de forma insurgente, todas essas contradições e exigências da vida acadêmica.

A tarefa central dos intelectuais negros pós-modernos é estimular, proporcionar e permitir percepções alternativas e práticas que desloquem discursos e poderes prevaletentes. Isso pode ser feito somente por um trabalho intelectual intenso e por uma prática insurgente e engajada. (WEST, 1985, p. 13)

E, de outro lado, temos a comunidade negra que não nos entende, que não entende a nossa escolha de tornar-se uma intelectual ou que não reconhece o papel do intelectual dentro da luta por libertação. E por que isso acontece? Embora a busca por educação, por conhecimento seja tema fundamental na história do povo negro, e eu acredito que posso falar isso não só do

povo negro estadunidense, mas do povo negro brasileiro também, essa busca por educação é aceita até certo ponto. Ou seja, o estudo é válido até o momento em que ele permite seus usos para ascensão social ou de impacto imediato na sociedade. O estudo é aceito e esperado até a graduação. A partir de agora você tem mais chances de mudar de vida, economicamente falando e de impactar na sociedade, na sua comunidade de modo imediato. No meu caso, eu posso me tornar uma professora, ajudar a elevar a raça como é esperado pela comunidade negra, mas se eu decido voltar-me para o isolamento de uma vida intelectual, eu sou sumariamente excluída da minha sociedade. E essa decisão não é compreendida. Minha escolha é vista como uma ação egoísta diante de toda a comunidade que precisa de mim e que espera algo concreto de mim.

Quando você, uma intelectual negra, ultrapassa essa barreira do estudo e escolhe seguir os caminhos da escrita, da arte e do ensino, as pessoas têm dificuldades para entender o porquê. Aos olhos da comunidade negra essa carreira não traz mudanças significativas na condição do seu povo, muito menos uma ascensão individual. A educação, quando intelectual, perde a sua utilidade para a comunidade, porque trata-se de um voltar-se para si. O trabalho mental, ou seja, o trabalho intelectual dificilmente é considerado importante para a luta revolucionária. Ele é visto como uma escolha egoísta da mulher negra que deseja seguir este caminho. Isso é assim porque vemos que existe uma distinção entre ter uma qualificação e ser uma intelectual. Ter qualificação é ser útil para a comunidade, ser professora já lhe garante um certo prestígio, mas tornar-se uma intelectual é voltar-se para si mesmo, isolar-se, apartar-se do mundo. Esse isolar-se, que é comum à vida intelectual, impulsiona a desvalorização do intelectual, da intelectual. E dificulta a construção de uma imagem positiva dessa intelectualidade na sociedade.

O problema do reconhecimento do intelectual fora da academia se mantém já há algum tempo e quando levamos em consideração o reconhecimento da intelectual negra, do intelectual negro, ele é quase inexistente. Como eu disse, esse problema permanece tanto porque a carreira exige um certo isolamento, quanto porque temos uma dificuldade em nos fazermos compreender. Temos uma dificuldade em mostrar que o nosso trabalho tem sim impacto na sociedade. A comunidade negra desconfia dos intelectuais porque nós aceitamos e muitas vezes queremos estar naquele pedestal que colocamos 'o intelectual'. Nós nos colocamos neste pedestal, nós nos distanciamos da comunidade para tentar nos encaixarmos no padrão intelectual ocidental. Mas isso também não significa que ao fazer isso somos reconhecidos como iguais dentro da academia, muito pelo contrário, nós temos sempre que estar nos provando para eles.

De todo modo, essa divisão do mundo intelectual acadêmico e da sociedade gera uma visão distorcida de que para se tornar uma intelectual negra eu preciso abandonar minhas raízes, minha comunidade, meus problemas e focar apenas no mundo das ideias. "Esse, então, é o dilema da intelectual negra, o dilema do intelectual negro: viver isolado entre dois mundos, ao mesmo tempo em que não se pode estar separado deles" (WEST, 1985, p. 01).

O dilema da intelectual negra

Mas viver nesse entre mundos não demanda necessariamente uma escolha. bell hooks (1985) nos mostra isso ao narrar sua história de vida no artigo *Intelectuais negras*. Segundo a autora, a intelectual pode ser acadêmica e se envolver na comunidade ao mesmo tempo. A vida intelectual não precisa ser levada separada da comunidade. Pelo contrário, a vida intelectual nos capacita para agir, para participar ativamente na vida da comunidade, na vida da nossa família e dos que nos rodeiam. A vida intelectual nos capacita para agir de modo a trazer impacto na sociedade. Nas palavras de bell hooks, "O trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes" (HOOKS, 1995, p. 466). Acho que nem preciso falar muito sobre isso, bell hooks deixa evidente o papel da intelectual no processo de libertação dos povos oprimidos. Se precisávamos de algum tipo de afirmação para entender o papel do intelectual, eu acredito que não exista outra mais assertiva que essa frase da pensadora. Além disso, ela afirma,

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano, optei conscientemente por tornar-me uma intelectual, pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto. Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade, mas antes, pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. (HOOKS, 1995, p. 466)

Agora, se o dilema do intelectual negro é construído por West sob a perspectiva problemática 'universal' do homem negro, quando a gente olha para todos esses problemas que ele apresenta pela perspectiva da mulher negra intelectual, o dilema se mostra ainda mais complexo. Isso porque, além de ter que lidar com tudo o que foi dito sobre a dificuldade de se encaixar em dois mundos, que em um primeiro momento parecem ser completamente opostos, junto ao peso da luta constante para defender nossa habilidade e capacidade intelectual, nós, mulheres negras, temos que lidar também com o papel que a sociedade exige que cumpramos, principalmente aquele papel relacionado ao cuidado. Todos esses sentimentos contraditórios, infelizmente, estão sempre presentes no decorrer da nossa formação e da nossa carreira. E por isso eu pergunto: como é possível renunciar ao cuidado com a família, renunciar à luta do seu povo e voltar-se para si – como requer o trabalho intelectual – para me tornar uma intelectual?

Nas conversas com acadêmicas e não acadêmicas negras sobre nossas relações com o mundo das ideias em busca de conhecimento e produção intelectual, um dos temas constantes que vinha a baila era o receio de parecer egoísta, de não fazer um trabalho tão diretamente visto como transcendendo o ego e servindo outros. (HOOKS, 1995, p. 470)

Uma mulher negra que decide se tornar intelectual está negando tudo aquilo que ela foi formada para ser e tudo aquilo que se espera de um corpo negro. A imagem da natureza selvagem da mulher negra não combina com a de uma intelectual. As mulheres negras têm sido consideradas só corpo, sem mente, e isso as colocam, ou melhor, isso nos coloca em um lugar inferior, subalterno, nunca no tal do pedestal que o intelectual se encontra. A invisibilidade que nos é imposta é pautada não só pelo racismo, mas também pelo sexismo e pela exploração de

classe. Essas circunstâncias pautam a dificuldade que é para a mulher negra escolher tornar-se intelectual. Então se definir como intelectual é sim um ato de insurgência. Mulheres negras que se assumem intelectual estão agindo de modo revolucionário, porque além de ocupar um lugar que até então lhes é negado, elas surgem para dismantelar o *status quo* do modelo intelectual com seu pensamento crítico. Eu, portanto, me declaro uma intelectual. "Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual" (HOOKS, 1995, p. 468).

A subordinação sexista na vida intelectual negra não esconde o seu viés machista, assim como revela que esse ambiente não é escolhido pelas mulheres negras na maioria das vezes por motivos de: não nos sentimos a vontade neste ambiente, não produzimos o suficiente por termos que lidar com múltiplas exigências extra academia, não temos mulheres negras intelectuais que nos representem, não sabemos lidar com "o caráter individualista do pensamento e do trabalho intelectual" (HOOKS, 1995, p. 471). Nós temos que enfrentar constantemente o medo de que não somos boas o suficiente. Somos vistas como corpos estranhos no ambiente acadêmico, somos objeto e nunca sujeito. E quando nos inserimos, quando conseguimos ultrapassar a barreira que a própria academia nos impõe, somos vistas como ameaça ao *status quo* e, por isso, procuram sempre mostrar que este não é o nosso lugar.

Ainda somos poucas, quando pensamos em nomes de intelectuais negros, a maioria das imagens que nos vem a mente são de homens. As imagens de mulheres, quando surgem, são de mulheres negras ativistas. Mas quem disse que ativistas não podem ser intelectuais? hooks nos convida a reconhecermos que o papel da intelectual negra é também ativista. bell hooks fala que intelectual não é aquela ou aquele que lida apenas com ideias, "intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas" (HOOKS, 1995, p. 471) e que lida com ideais em sua vital relação com a cultura política. Nesse sentido, a intelectual deve ser uma pensadora criativa, que explora os domínios das ideias e que ultrapassam limites. Imagina então, o que podemos fazer tendo tudo isso em vista? Nós, mulheres negras intelectuais, podemos mudar tudo, mudar toda a estrutura daquilo que define um intelectual e que exige um olhar distanciado do mundo, um olhar que o separa da sociedade.

Esse trabalho não precisa ser feito de modo solitário. Na verdade, esse trabalho de mexer nas estruturas por dentro não pode e nem deve ser feito isoladamente. A proposta de um trabalho coletivo, da formação de uma *intelligentsia*, de uma rede para resistência e lutas coletivas deve levar em conta realidades e contradições do tempo presente. Cornel West propõe um modelo insurgente para isso, mas como eu disse no início, ele não leva em consideração a realidade concreta das circunstâncias e condições materiais que possibilitam e promovem o trabalho intelectual de mulheres negras. bell hooks questiona isso e levanta a problemática dos efeitos que o isolamento exigido pelo trabalho intelectual traz para a mulher negra. Ela reconhece

que só o isolamento não funciona, não se faz trabalho intelectual sem diálogo, sem conversar, logo não se trata apenas de um voltar-se para si.

Considerações finais

Ao final de seu texto, hooks afirma,

Como podem as negras enfrentar a escolha do isolamento necessário em entrar no modelo burguês? Qualquer discussão de trabalho intelectual que não enfatize as condições que tornam possível esse trabalho interpreta erroneamente as circunstâncias concretas que permitem a produção intelectual. (HOOKS, 1995, p. 473)

O trabalho intelectual não ocorre inteiramente em isolamento, a realidade demanda uma coexistência com a vida contemplativa. A proposta de uma *intelligentsia* negra dentro da academia feita por West é vista por hooks como promissora se levada em consideração as circunstâncias das mulheres negras intelectuais. É claro que esse movimento insurgente não vem sem resistência, mas é por isso mesmo que ele deve ser feito coletivamente. Por menor que pareça ser esse movimento, aos poucos vamos conseguindo nos colocar, nos posicionar e sermos reconhecidas. Nós vamos ser rotuladas pelo modelo tradicional intelectual de que o que fazemos não é trabalho intelectual, de que o nosso modo de pensamento crítico e de escrita não é intelectual, que os problemas e questões que consideramos próprios para o trabalho mental não é válido. Seremos acusadas de que nossa pauta é outra, que somos identitárias e até mesmo separatistas, seremos acudadas a aceitar que se queremos ocupar esse lugar devemos seguir o modelo que nos aparta do mundo. Mas para nós, mulheres negras, isso é impossível, "nenhuma negra pode se tornar uma intelectual sem descolonizar a mente" (HOOKS, 1995, p. 475).

Fazer isso não é fácil, nós sabemos, eu sei disso, eu enfrento isso todos os dias. Então, declarar-se intelectual e encorajar mulheres na academia a fazerem o mesmo é um ato insurgente que tem como objetivo questionar, abalar esse modelo, assim como propor a reformulação do que é ser um intelectual.

Muitas vezes temos de ser capazes de afirmar que o trabalho que fazemos é valioso mesmo que não seja julgado assim dentro de estruturas socialmente legitimadas. [...]

De fato, quando exercemos um trabalho intelectual insurgente, que fala a um público diverso a massa de pessoas de diferentes classes, raça ou formação educacional, nos tornamos parte de comunidades de resistência, coalizões que não são convencionais. (HOOKS, 1995, p. 475)

Pois bem, já que estamos na margem do mundo intelectual e da sociedade, já que estamos no limbo entre dois mundos que até então são vistos como mundos completamente diferentes, vamos fazer uso dessa posição para influenciar ambos os lados. Vamos criar pontes de comunicação e reformular o modo de concepção daquilo que compõe um intelectual. Eu convido vocês a se declararem intelectuais, a serem insurgência no mundo acadêmico e mostrar não só para a academia, mas para a comunidade que o nosso trabalho é importante, que o nosso trabalho tem impacto na sociedade e que ele não pode ser feito apartado dos problemas reais que enfrentamos.

Bibliografia

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

_____. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 6-17, jun. 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnbpcjpcgkclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509704/mod_resource/content/0/559-1734-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2023.

_____. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

DAVIS, Angela. Lectures on Liberation. In: **Narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave, written by himself: a new critical edition / by Angela Y. Davis**. Collection The Open media series. San Francisco: City Lights Publishers, 2010.

_____. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos feministas**, v. 3, n. 2, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

WEST, Cornel. **O dilema do intelectual negro**. Tradução de Braulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza. In: *The Cornel West: reader*. [S.l.]: Basic Civitas Books, 1999. p. 302-315. Disponível em: <https://www.academia.edu/37512303/O_DILEMA_DO_INTELECTUAL_NEGRO_1>. Acesso em: 08 mai. 2023.